

ARTIGO DEFINIDO

A frase que definiu a criação de Brasília

Antônio Olinto

A janela de Brasília dava para um jardim, havia barulho de crianças na grama. Benedicto Valladares olhou para fora, muito quieto, notei que tinha uma história para contar. Esperei pacientemente pois não era homem que se empurasse. Para não mostrar curiosidade, peguei um jornal, fingi ler.

Afinal, sem tirar os olhos das árvores na quadra lá fora, ele começou:

— Estranha cidade, esta. Faz a gente pensar Pausa que me pareceu longa.

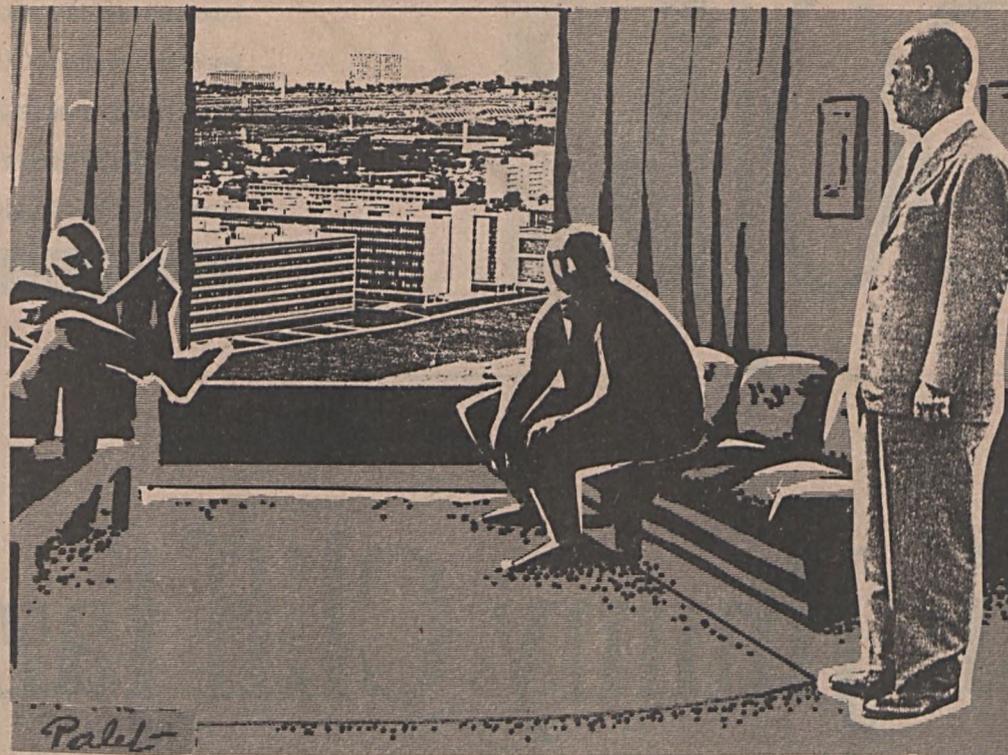
— Contudo, houve um minuto, um instante, em que Brasília podia não ter chegado a existir.

Mostrei uma expressão de pergunta.

— Foi logo depois dos acontecimentos de 1937. Getúlio Vargas fechara o Congresso e Juscelino, que havia sido meu secretário e era então deputado, ficara sem emprego. Belo Horizonte andava precisando de um prefeito empreendedor, ativo, capaz de resolver os problemas que a cidade vinha tendo. Levei dias pensando em vários nomes até que, uma noite, me lembrei de Juscelino. Era o melhor para o cargo, não havia dúvida.

Explicou:

— Naquele tempo, governador nomeava os prefeitos. Achando que Juscelino poderia realizar as obras que permitissem a Belo Horizonte ser uma grande capital, pedi que fosse ao Palácio da Liberdade.



Benedicto olhou para a sala do apartamento de Brasília, como se visse Juscelino entrando ali inesperadamente. Continuou:

— Juscelino é homem alegre. Vive sorrindo. Quando chegou ao meu gabinete naquela manhã, não sorria. Quis saber o que estava fazendo. “Voltei à Medicina, governador”. Disse-lhe então que seria bom tê-lo trabalhando de novo comigo, precisava de um prefeito eficiente para Belo Horizonte, falei dos problemas que ele mesmo devia conhecer e esperei que ele aceitasse alegre e sorrisse de novo. Qual não foi minha surpresa quando Juscelino olhou para o chão, pensando, antes de responder:

— Não quero não, governador. Não quero não. Eu estava bem como deputado, já me acostumara com minhas novas funções, gostava da política, aceitava-a como carreira única. De repente Getúlio fecha o Congresso e me põe na rua. Tomei a resolução de abandonar a política, e Sarah concordou comigo.

Repetiu:

— Não quero não.

Levantou os olhos para o governador e acrescentou:

— Se quiser me nomear para alguma coisa, nomeio-me diretor do Hospital de Clínicas. O cargo está vago.

Ao chegar a esse ponto da narrativa, Benedicto Valladares baixou o tom de voz:

— Senti-me quase ofendido com a recusa. Sempre gostei do Juscelino e tinha a certeza de que ele ia aceitar e ser um bom prefeito. Mesmo assim prometi que o nomearia para o Hospital de Clínicas. Na hora da saída, Juscelino sorriu e deixou-me com o problema da prefeitura insolvido. Eu não podia perder tempo. Tinha de escolher um nome para o lugar. Lembrei-me então de Edson Álvares da Silva, presidente do Banco Hipotecário de Minas Gerais, meu compadre, homem de bem, trabalhador. Seria o Edson. Na mesma hora telefonei para o

banco. Era quase meio-dia, a secretária informou que ele fora almoçar em casa. Liguei para minha comadre. Edson ainda não chegara, devia estar no meio do caminho. Pedi que chamasse o Palácio da Liberdade com urgência. Li uma série de processos, consultei papéis, assinei documentos, e eis que surge um secretário para dizer que Juscelino estava lá fora, queria ver-me de novo. Mandei que entrasse. Estava meio transtornado. Foi logo dizendo:

— Governador, o senhor já escolheu o prefeito?

— Pensei num amigo, mas ainda não falei com ele.

— Então, governador, se o senhor mantém o convite que me fez, aceite ser prefeito de Belo Horizonte.

Benedicto manteve silêncio por segundos.

— Por que mudou de idéia?

— Cheguei em casa e Sarah me deu a maior bronca. “Então, você recusa um lugar desse? Prefeito de Belo Horizonte?”. “Mas, Sarah, nós não havíamos combinado que eu deixaria a política para me dedicar exclusivamente à Medicina?”. Ela: “Concordei com você porque pensei que ninguém ia mais convidar um ex-deputado para ser coisa alguma na política. “E repetia: “Mas prefeito de Belo Horizonte!” Juscelino agora sorria, as feições de menino:

— Estou às suas ordens, governador, para ser prefeito da nossa capital.

Naquele exato momento só o telefone. Era Edson Álvares da Silva.

Quase vinte e cinco anos depois daquele telefonema, Benedicto Valladares, em Brasília, sob o peso da memória a do clímax antigo, detém-se. Tive a nítida impressão de que não continuaria a narrativa. Minha fisionomia demonstrava expectativa, ele sorriu e falou:

— Imagine a minha posição. Eu era o governador, o que escolhe, o que nomeia, o que decide. Muitas vezes pensei que o Destino usa ora uma, ora outra pessoa, para fazer das suas. Naquele instante, eu era o Destino, com D maiúsculo e tudo, em vias de anunciar uma escolha que eu não sabia pudesse vir a ser tão importante. Percebi que estava tenso. Diante de mim, o ar ansioso, Juscelino esperava. Ao telefone, outro amigo, nada ansioso, pois de nada sabia, também esperava. Meu primeiro impulso foi comunicar a Juscelino que a escolha do outro

estava consumada. Afinal, como dissera Sarah, não se recusava um convite daqueles. Quantos segundos fiquei ali, segurando o fone? Tenho a certeza de que a espera não passou de um minuto. Decidindo-me, disse a Edson Álvares da Silva: “Não é nada urgente. Depois conversaremos”. Voltei-me para Juscelino: “Está bem, Juscelino, vou nomeá-lo prefeito de Belo Horizonte”.

— No momento em que eu disse esta frase, Brasília, a futura capital do Brasil, começou a existir. Como prefeito, Juscelino fez Belo Horizonte dar um salto, melhorou a cidade, elegeu-se de novo deputado, foi governador de Minas e, 17 anos depois da cena em meu gabinete no Palácio da Liberdade, chegou a presidente da República. Dono de uma determinação que só conheço nele, construiu Brasília em mil dias.

Ficamos pensando ali, os dois. Benedicto Valladares indagou-se em voz alta:

— Se eu não tivesse mantido meu convite, teria mesmo assim Juscelino atingido a Presidência?

Apontando para a Superquadra.

— Se aquela fosse a única porta, e eu a tivesse fechado, nada disto existiria hoje.

Lembrando essa narrativa, muitas vezes conversei com Edson Álvares da Silva, meu amigo, homem sempre fiel a seu chefe político Benedicto Valladares. Num jantar, perguntei-lhe:

— Você acha, Edson, que, naquele instante, ao telefone, se o governador tivesse feito a sua escolha para prefeito de Belo Horizonte, haveria alguma possibilidade de você acabar sendo presidente da República?

Edson, no seu jeito de mineiro tranquilo:

— Jamais. Ao deixar a prefeitura de Belo Horizonte, eu teria voltado à minha casa, à minha família, à minha mineiridade. Embora...

Fez uma pausa.

— ... embora eu tenha sido nomeado mais tarde para um cargo em Brasília e haja sido anonimamente muito feliz neste estranho planalto central.

COLABORAÇÕES: As colaborações para esta página (artigos, cruzadas, tiras de quadrinhos e charadas) podem ser enviadas para o Correio Braziliense — Caderno 2, Setor de Indústrias Gráficas, lotes 600/650, CEP 70610, Brasília-DF. Os artigos devem ter em torno de 70 linhas datilografadas e as cruzadas devem ter diagramas de, no máximo, dez quadros horizontais e 15 quadros verticais.